

Neste mesmo Areal, nem tudo é feito apenas de areia. São palavras, pequenos acontecimentos, trocas, histórias, convicções, incertezas. A paisagem aqui não existe por si só, ela se constrói pela experiência, pela relação com o outro, pelo mistério do desconhecido, pela generosidade da troca.

O livro *Dilúvio* nasce do desejo de expansão desta mesma paisagem e se inscreve também como um importante marco deste percurso – 10 anos de Areal. Andando por lugares insólitos, desbravando novos caminhos ou buscando outros pontos de vista, Maria Helena Bernardes e André Severo compartilham suas propostas de trabalho com um público cada vez maior, companheiros de viagem que possuem participação sempre ativa neste processo de criação, reflexão e formulação de novos paradigmas. A sobreposição de trajetos antigos e trilhas ainda em construção geram mapas movediços e nos lembram que tudo está em constante movimento, que podemos nos perder tanto nesta imensidão de areia, quanto em uma volta no quarteirão.

Afinal, não é só o vento. O desejo de andar também move a areia.

Daniel Escobar, para Maria Helena Bernardes e André Severo.

Criado no ano de 2000, a partir de uma série de viagens realizadas pelo interior do Rio Grande do Sul, Areal é um projeto que toma da paisagem Sul deste estado a imensidão de campos, água e areia como símbolo dos limites cada vez mais imprecisos da arte como disciplina na atualidade. Partindo do ponto em que André Severo e Maria Helena Bernardes inauguraram Areal – momento marcado por sentimentos conflitivos, entre a urgência de inaugurar uma nova identidade na condição de artistas e o temor de mergulhar em um processo que talvez os levasse ao isolamento e à incomunicabilidade –, este livro é depositário das narrativas e pensamentos mais frequentes nas apresentações públicas realizadas pelos artistas ao longo dos dez primeiros anos do projeto. Reunindo um texto, um ensaio visual e um filme que documentam as caminhadas realizadas por André Severo e Maria Helena Bernardes nas águas do Arroio Dilúvio, em Porto Alegre, e do Arroio Duro, em Camaquã, entre os anos de 2002 e 2003, *Dilúvio* não somente faz emergir uma das experiências mais marcantes vividas pelos artistas dentro de Areal, mas também traz à tona uma reflexão atualizada sobre o trabalho “em estado de trânsito” que acabou definindo o modo de pensar, agir e estar no mundo, destes artistas. Resultado de um projeto que almeja dar suporte e servir de estímulo a uma parcela crescente da produção artística atual – que busca trazer consigo formas de comunicação pública com ênfase na circulação ampla e imaterial de informação –, a publicação de *Dilúvio*, décimo volume da série *Documento Areal*, vem enfatizar um dos principais objetivos do projeto Areal: o estabelecimento de parcerias com instituições que, como o JA.CA, se interessam por incentivar a realização de investigações intensivas que resgatem a um primeiro plano a experiência direta entre artista/autor e público.



produção:



apoio:



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



realização:



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério
da Cultura



DVD

D I L Ú V I O

andré severo maria helena bernardes

Documento AREAL 10

D I L Ú V I O

andré severo

maria helena bernardes

Paisagem Falada

Estou agora do outro lado deste Areal. Não há mapas, não há bússola, não há sequer o mar para indicar um caminho. Estou perdido? Estou indo em direção àquela duna. O vento começa a soprar, a areia move-se de um lugar para o outro, não há mais referências. Existe algo de similar entre estas dunas e o horizonte? Provavelmente a certeza de que não há um ponto a ser alcançado. De repente o mar. De um lado a areia, de outro o horizonte sem fim. Não existem guias turísticos e as placas de boas vindas indicam menos o lugar e mais o profundo desejo de encontro. Seria isso então, “estar no meio do nada”? Pois bem, se nada aqui serve de referência, isso é apenas um indicativo de que há muito a ser explorado. Viro a página.

Um cachorro que aparece e some misteriosamente sinaliza que devo ficar atento, pois como este Areal “não tem cantos e nem curvas”, as cidades e vilarejos erguem-se e desmaterializam-se de um instante para o outro. Realidade ou Miragem? O silêncio só é quebrado pelo som do vento que não para de soprar. Agora, desse ponto, avisto um grande conglomerado de casas, ruínas, faróis, pessoas. Deve ser algum tipo de mirante, de onde se alcança a uma só vista tudo o que acontece entorno deste Areal. Tenho vontade de fotografar, mas logo constato que não há muito sentido em fixar imagens. Realidade ou ficção?



Documento AREAL 10